

# MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

## CULTO À SCIEENCIA.

NUM. 2.

S. PAULO.—TERÇA-FEIRA 31 DE MAIO.

1859.

### DIREITO PUBLICO.

#### ALGUMAS IDEIAS SOBRE A LIBERDADE POLITICA.

Para que possamos destruir as razões, por ventura apresentadas—razões pretendidas destructivas da liberdade politica, nós perguntaremos se esse resultado do pacto social é, ou não real, se esse phenomeno devido á mesma faculdade, tem ou não sua razão justificativa, sua causa real?

Remontemos á natureza do homem, e encaremos os seus poderes, e no desenvolvimento, que posteriormente fôrmos apresentando, explicaremos melhor as ideias que ora expendemos tão syntheticamente.

A liberdade humana, palavra sancta, e dogmatizada, na unanimidade de uma mesma expressão, é tão incontestavel, quanto é a harmonia de todos os poderes, quanto é incontestavel a evidencia propria; portanto sem duvida que não precisamos descer á uma analyse puramente philosophica, para apresentarmos essa verdade axiomatica á face do mundo intellectual.

O homem pois é livre, todos o dizem, e todos o reconhecem; é verdade que essa identidade universalizada no genero humano, nem sempre corresponde em a vida pratica á esse idealismo, porém esta verdade não vem de nem uma sorte destruir aquella primitivamente inabalavel, mas sim indirectamente influir no mesmo reconhecimento, isto é, que se

todos não revelão do mesmo modo theoreticamente essa faculdade inalienavel, como todas as outras, pelo seu diminuto desenvolvimento, com tudo igualmente todos não deixão de sentir a mesma força que influe nos actos da intelligencia humana.

O homem sahido do estado de natureza, assim como n'elle, revestido de suas faculdades tem absoluta necessidade de applical-as, e applicando-as sobrevem a necessidade de adaptal-as aos dictames de sua consciencia—aos trilhos indicados pela razão, ou áquelle que de conformidade com a liberdade tende a seu fim. E' pois n'essa relação que tem de caminhar em vista ao cumprimento de deveres emanados immediatamente de sua natureza.

Porém assim como na infancia jogamos com um circulo mais limitado de ideias; assim como em os primeiros passos da vida obramos mais authomaticamente do que conscienciosos d'aquillo que praticamos; assim tambem o cumprimento d'esses deveres não se resumindo nos da infancia são na razão de sua communhão social bem diversos, como são suas relações diante de outros individuos da mesma especie. E' preciso, entretanto, cumpril-os; é preciso obedecer ao brado incessante da natureza—caminhar.—Mas por ventura desempenharemos uma taréfa mais ardua e espinhosa com o mesmo peculio individual? Sem duvida que não.—Seria quereremos o fim sem o emprego dos meios.

Assim se ha necessidade d'esses meios empregue-mo-los e executemos nossa missão gloriosa, porque essa romaria de todos os seculos é grande e sublime.

Sim, o homem sahindo d'essa abstracção philosophica, d'essa primitividade tão diversamente pensada por Hobbes, e Rousseau e tendo de percorrer uma senda obscurecida pelas trévas que a circundão não bastão seus recursos individuaes; porque seu novo estado demanda maiores auxilios, e forças correspondentes a seu grande empenho.

E, com effeito, elle váe encontrar na concentração de seus poderes a realização de suas tendencias naturaes, elle, váe expandindo suas vistas amplas até então limitadas, e n'essa bella tranzição encontrar a anthitese entre o preludio de sua existencia e começo de sua peregrinação nos dezertos sem vida. Temos pois de considerar o homem collocado n'esse estado com exacção de sua natureza; eis o homem experimentando o habito vivificante de seu espirito; e sondando os impulsos de sua alma para esse facto grandioso, figurado na mente dos philosophos, vê como condição essencial para realização dos destinos humanitarios—o Socialismo.—Então já não temos de considerar a mesma individualidade em suas relações consigo mesma, porém sim entidades que elaborando na mesma necessidade natural, e reconhecendo tendencias iguaes ás suas para o mesmo fim, procurão do mesmo modo addir seus meios de acção aos de seres debaixo de igual dependencia. O homem tem absoluta, e indeclinavel necessidade de viver em sociedade, não é preciso provar uma these d'esta ordem, por isso que intuitivamente se depara com a repugnancia d'uma supposição contraria, e é em vista d'essa necessidade que o homem póde roubar-se ao gozo pleno de suas faculdades; mas esse passo era inevitavel, porque d'elle dependia seu futuro, e porque d'elle dependia a perpetuidade de suas regalias possiveis. Mas qual é esse sacrificio que consideramos como indispensavel para segurança futura do homem na sociedade? Fallamos da porção de liberdade alienada da parte de cada individuo para que se verificasse o pacto social. Então vemos a linha divizoria que separa o homem natural, isto é, o homem n'es-

sa infancia abstracta, e o homem social, isto é, o homem constituido em sociedade, ou então o homem considerado absolutamente livre, e depois por essa especie de alienação, a restricção que soffre sua liberdade—restricção a que voluntariamente se tem sujeitado. O homem reconhecendo-se livre reconhece ipso facto—livres seus semelhantes, por que n'elles tambem reconhece a mesma natureza, as mesmas faculdades, as mesmas tendencias, e, por conseguinte o mesmo fim. Ora, como ser intelligente conhece, e como livre pratica; mas como já dissemos todos tem as mesmas capacidades, os mesmos principios vivificantes, partidos d'uma mesma fonte, ou natureza; logo, forçozamente concluiremos que d'essa igualdade triplice reduzida a unidade individual, partirão sempre forças iguaes, e d'esta sorte haverá, inquestionavelmente, um embate perpetuo, ou antes, uma constante repulsão de todos os poderes individuaes, de maneira que longe o desaparecimento succedião-se novas lutas. Mas este estado de cauzas não podia durar, era necessario quebrar esses obstaculos, era necessario traçar uma raia indistinctivel, e permanente, emfim, era necessario garantias para as liberdades individuaes. Porém como vencer mais esse impecilio que se nos antolha? era preciso um novo esforço, e esse esforço dependia de cada um—era o exercicio da liberdade de cada um que devia ter um limite, traçar sua esphera d'actividade, e nunca transpô-la, porque ia infallivelmente tocar na esphera alheia; portanto era necessario essa limitação reciproca, porque isto é que forma o que se chama—o equilibrio dos direitos, e a salvaguarda da sociedade. Não era tudo, ainda tinha-se de reparar um perigo eminente: as duvidas, as contestações suggeridas na sociedade entre individualidades desiguaes.

Necessitava-se portanto d'um novo elemento, d'um outro equilibrio—era o poder, expressão da vontade geral, ou essa collectividade que rennia em si a auctoridade, e a força como se exprime Lamenais.

Temos pois encarado o homem debaixo de uma vista triplece : em primeiro lugar o homem concebido isoladamente, ou a pura individualidade funcionando na sua especialidade, em segundo lugar a mesma individualidade, porém relacionada com seus semelhantes na sociedade, e em terceiro lugar acompanhando-o em suas phases, e peripecias consideramos-o finalmente no estado civil, onde o homem contrahindo novas relações com essa terceira personalidade anteriormente mencionada, elle ainda depõe porção de sua liberdade, e é por isso que diz De Mais-tre que o homem encontrando mais um garante á sua liberdade tem se tornado voluntariamente captivo.

Assim o homem reconhecendo a necessidade d'esse poder como o representante de suas vontades, e da soberania popular, elle tem feito este representante seu mandatario, tem a elle *delegado* todos os seus poderes; e então em virtude d'essa ab-dicação feita tacita ou expressamente nas-cem certas relações com essa personali-dade, assim como d'ella reciprocamente partem outras para com cada um dos in-dividuos: e d'essas relações existentes entre o representante, e os representados é que provém aquillo que chamamos—liberdade politica.

(Continúa.)

S. Paulo, Abril de 1859.

### CHRONICA DA ACADEMIA DE S. PAULO.

De todos os trabalhos humanos o que tem menos recompensa, relati-vamente fallando, é ao nosso vêr, o cultivo de letras; n'este a recompen-sa ainda é menor para aquelles que apresentam seus fructos ou resulta-dos por meio da imprensa; e d'es-tes ainda tem muito menor recom-pensa aquelles que são filhos das investigações do poeta.

Poderíamos deixar de ir buscar a prova d'isto na patria dos Leoni-das, na dos Brutos e Catões, na Al-

lemanha, França, e Portugal, etc; poderíamos julgar desnecessario in-vocar as cinzas de Socrates, João Huss, etc; seria bastante o limitado circulo de nossa vida academica para nos justificar.

Aquelles que escrevem ( Fallemos primeiramente dos que escrevem em prosa ) com quanta difficuldade não lutão? Será facil, ou couza de pouca difficuldade, escrever com boa ortho-graphia, clareza, doçura, e precisão de idéas, bom estylo emfim? Estu-dar a materia nos authores que d'ella tratão, ou comsigo mesmo pensando e reflectindo; saber reproduzir o re-sultado d'esse estudo sem offender as leis da boa rasão, e da verdade, sem querer chamar a si argumen-tos e idéas que não lhes pertence ( ainda mesmo não nos referindo a esses escriptos que arrebatão a at-tenção do leitor, tão sómente à esses mais vulgares ) será tambem facil ou de pouca difficuldade? E qual é a recompensa d'este trabalho, d'essa difficuldade com que lutão os que escrevem? E' marcal-os com o fer-rete do pedantismo, petulancia, ou-zadia, plagio, e ás vezes, até mesmo com o da ignorancia e estupidez...

E' Lamennais dizendo “ não cen-sureis em um momento o que levei annos à escrever : ,, e o seu critico dizendo : “ diga antes—não criti-queis em um momento o que levei annos a copiar. ,, Inda mesmo ne-nhum d'estes ferretes se lançando nos que escrevem, conservando-se o si-lencio, que ainda julgão ser um ob-sequio, será isto uma recompensa para tanta fadiga, tanto dissabor? E no Brasil parece que o maior crime é mostrar intelligencia, abraçar a scien-cia, e combater por ella! Essa atha-laia—o futuro hade ser o vingador de tão vil attentado! Elle hade vir como uma torrente apagar essa cente-

lha tão viva de egoismo, que se mostra com tanto brilho nos reconhecimentos mais intimos do geral dos corações brasileiros!

Centelha essa que jámais de uma vez se tem transformado n'um Isk, n'um Oribaza, n'um Chorullo, para cobrir com suas lavas tantas victimas!

E si tão grande difficuldade, e uma tal recompensa encontramos no estudo e reproducção oral, na escripta em proza, qual será a difficuldade, e a recompensa das producções poeticas; que além de exigirem as condições todas da proza, ainda exigem a observancia de regras sem as quaes não se dá o verso (fórma exterior mais commum da poezia); como a do rythmo, numero determinado de syllabas, etc; e outras que servem para seu ornamento e belleza; como o não emprego de lettras duras em um só verso, a auzencia das differentes cacophonias, etc., e que demais ainda é materia de gosto, e ninguem ignora quão grande é a variedade d'elle, além de serem mais que todas, por sua natureza, sujeitas ao ridiculo?

Ainda muito maiores são as difficuldades si essas producções são importantes; como os poemas, comedias, e tragedias, que além da observancia das regras geraes do verso inda crescem as especiaes de cada uma d'estas composições. As invocações, o brillantismo das imagens, a grandeza de pensamento, em correspondencia com a do assumpto, a fórma do verso, seus ornatos, suas côres, que servem para realçar os claros e escuros dos quadros que se tem em mente pintar, não são por certo couzas arbitrarias, e de pouca monta.

Mas estas inda o poeta as sana pelo estudo que d'ellas faz, e pelo

seu dom natural. Toda a difficuldade está no acolhimento que d'essas producções fazem os leitores, na sua recompensa. E qual é ella? Não é Alexandre Magno aviventando com o sangue thebano as chammas que devorão as infelizes choças de Thebas, e aguerridos peitos impedindo que ellas invadão a de Pindaro! Não é Octaviano Augusto abandonando os louros colhidos em Accium, os magnificos gosos da grandeza imperia!, os dourados palacios da Senhora do Mundo, para ir ao campo, na modesta cabana de Horacio, gosar de sua palcstra, e adormecer ao som melodioso de seus cantos lyricos!

Não é Luiz XIV pagando aos grandes poetas que illustravão o seu paiz, com mais larga somma do que permitia o thesouro de sua generosidade! Não é Beranger sepultando-se em um tumulo de lagrimas! Não é algumas notabilidades academicas estimulando e animando a mocidade intelligente!

E' Dante caminhando para o desterro com os olhos voltados para Italia, para o tumulo de sua Beatriz; no exilio á seismar nos tercetos de sua—Divina Comedia; de cidade em cidade nas garras da miseria!

E' Camões dizendo: "*Portuguezes, esmola para Camões!*", E Agostinho de Macedo, dizendo: "*Infeliz amante de Athaide, plagiastes Virgilio!*", E' o infeliz Dirceo nas negras paredes da masmorra suspirando por Marilia! E' o patriarcha da independencia nos ferros de negro carcere tecendo hymnos á liberdade! E' uma pleiade de academicos repetindo, em tom ridiculo trechos inteiros de seus collegas! E' emfim o que levou A. F. de Castilho a dizer: « . . . . em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipita-

rem-se sobre um livro novo, como cães damnados ladrando e uivando : —plagiato, plagiato !

Isto que sentimos já não sômos os primeiros, já o sentiu também Castilho ; pois que elle diz : « Se bem soubera alguém, como eu sei, a abundancia de dissabores, e a pouquidade de gostos verdadeiros que o poetar, e em geral o tratar de lettras me tem acarretado, por muito santa alma e honrada lingua que elle fosse, temo que me haveria por uma especie de sectario do diabo que por estar penando sem remedio procura atrahir para o seu inferno os espiritos ainda não perdidos. »

Em todos os tempos o horisonte das lettras tem sempre sido negro e carrancudo ! E' uma raridade quando n'esse negrume apparece um clarão propicio que indica ao nauta, que se acha em seu seio, que o sulco feito é o verdadeiro, e qual o norte que deve seguir do ponto em que se acha, e esse mesmo nem bem se ostenta, de novo desaparece ; como na escuridão de tempestuosa noite o veloz relampago !

E si o negrume do horisonte litterario consegue ás vezes apagar ou amortecer os raios d'esses luzeiros, d'esses pharões que illuminão o mundo, o que não poderá fazer o nosso mais negro e medonho horisonte academico ? Onde quasi tudo que póde illuminal-o, está em semente, em germen, em pequenas centelhas, que nem força tem para illuminar uma pequena circumferencia da escuridão que as cerca ? Onde quasi que podemos affirmar que enxergamos em cada academico um inimigo e um inimigo que se deve temer ? (na esphera das lettras, fóra é o contrario) . . . . . Daremos tempo ao tempo —o saber esperar é uma grande vir-

tude ( diz Chateaubriand ) : consolemo-nos com ella. E pois, si assim é, não podemos deixar de citar e louvar, como uma luz propicia, o Snr. Macedo Soares, como nos justifica a nobre defesa que elle fez á uma victima do rancor de nosso horisonte academico, o Snr. Rezende. O Snr. Macedo não é só um defensor da mocidade academica que pugna pela causa das lettras, é também um justiceiro apreciador das flôres litterarias, e principalmente d'aquellas que desabroçam, e expandem seus mellificos odôres pelos verdadejantes e viçosos valles do Imperio de Santa Cruz (Dar a cada um o que é seu é justiça e não bajulação.). A prova está no seu brilhante artigo —Ensaio de analyse critica—onde revestiu-se da verdadeira missão da critica, nivelou o mérito de seu escripto com o do criticado—Os cantos da solidão—O Snr. Macedo Soares compenetrou-se da melodia dos versos do Snr. B. Guimarães, da sublimidade de seus pensamentos, da melancolia de sua alma, de seus risos ingenuos, e de seus gemidos ; o ergueu ao zenith do mérito, ao passo que revestindo-se de maneiras delicadas engenhosamente aponta também seus vícios, com quanto elle pense com Chateaubriand que a missão da critica é tão sómente mostrar bellezas.—Os cantos da solidão quantos aos pensamentos, suas imagens, suas côres, e a naturalidade que respirão são em nosso fraco entender, das produções de seu genero, a mais bella de nosso paiz, (1) pelo menos das que conhecemos. Elles respirão ainda mesmo n'aquelles pontos em que o riso se mostra, um que de

(1) A manifestação de um juizo d'estes em materia de gosto, como é a poesia, não julgamos crime, se bem que os nossos dados para a fazer não sejam reconhecidos.

melancolico, que segundo o nosso gosto (talvez máo, ou erroneo) é o elemento mais poetico das composições poeticas. Em cada periodo, em cada pensamento, em cada phrase d'esse bello todo ouvimos melodiosa a voz da poesia; (2) como vemos na pallidez de angelico rosto que pensativo se reclina sobre a mão de neve a imagem da tristeza.

Talvez possamos explicar pela natureza do seu assumpto este nosso fanatismo (si nos é permittido exprimir assim) pelos Cantos da solidão; porque é de nossa alma a côr de suas imagens, d'ella a melancolia de seus cantos. Quando dizemos—pela natureza do assumpto—não julgue o leitor que ignoramos a opinião de V. Hugo á esse respeito, a qual nos refere o Snr. Gerard Seguin nos Orientaes. Eil-a:

« O auctor d'esta collecção não é da opinião d'aquelles que reconhecem na critica o direito de questionar o poeta sobre sua phantasia, e de lhe perguntar porque escolheu tal objecto, triturou tal tinta, colheu em tal arvore, bebêu em tal fonte. A obra é boa ou má? Eis todo o dominio da critica. Quanto ao mais, nem louvores, nem censuras pelas côres empregadas, mas pelo modo que são empregadas. A vêr as cousas um pouco de cima, não ha em poesia nem bons nem máos assumptos, mas bons e máos poetas.

Além d'isso tudo é assumpto; tudo ressentese da arte; tudo tem o direito de cidade na poesia. Não nos inquirão pois o motivo que nos levou a tomar este assumpto, triste ou alegre, horrivel ou jocoso, brilhante ou sombrio, grande ou pequeno, antes que este outro. Examinem pois co-

(2) Se ha excepções, são tão poucas, e tão pequenas, que não nos causarão impressão; e por isso nos exprimimos assim.

mo trabalhamos, não sobre o que e porque. Fóra d'ahi a critica não tem razão para questionar, nem o poeta contas a dar etc.»

Esta opinião de V. Hugo, que, como dissemos, nos refere o Snr. Gerard Seguin, só não concordamos com ella quando nos diz—não ha em poesia nem bom nem máo assumpto—; no mais julgamol-a até muito justa, nem seriamos capazes de nos apartar d'ella para abater o mérito de qualquer poeta: porém tambem não julgamos crime nos separar para o caso contrário, quando temos consciencia, que aquillo que dissemos, não é mais do que a expressão ingenua de nosso fraco juizo. Tambem não julgue o leitor que temos a louca pretensão de desconhecer o mérito dos demais poetas nossos patricios; pois se a tanto chegasse a nossa ousadia teriamos de nos cobrir de pejo quando lessemos os lindos cantos do Snr. Gonçalves Dias, os vôos espaçosos do Snr. Magalhães, os arroubos entusiasticos do patriarcha da independencia, etc.

Citaremos alguns, que mais agradaveis impressões nos deixarão, e que nos vem á lembrança ao correr da penna. Do primeiro—o Gigante de pedra—Seus olhos—Si se morre de amor—A virgem e a conxa. Do segundo—a Descrição do Amazonas—a Ode à Napoleão—Da Confederação dos Tamoyos alguns trechos como—a Invocação aos genios do Brasil—a mesma descrição do Amazonas, e uma falla de Aimbiré.—Do terceiro as odes—o Poeta desterrado, os Babianos, e os Gregos. E outros muitos cantos que a musa brasileira tem inspirado, não só n'este como no outro seculo, poderiamos invocar em nosso auxilio, para que o mesmo leitor não julgasse em nós uma ousadia como esta.

—Basta de vagarmos errantes em regiões, que, com quanto digão respeito ao nosso fim n'este artigo, não são as contidas no horisonte que cerca a nossa especial. Portanto cumpre-nos agora justificar este nosso proceder, e cumprir com a honrosa tarefa, que nos incumbio a nobre commissão de redacção.

—Assim entendemos que deviamos obrar, porque, segundo a deliberação da commissão, cada chronista é sómente obrigado á narrar os factos academicos occorridos no curio espaço de um mez; e em tão breve tempo, que noticias ou acontecimentos academicos haverão com os quaes se possão encher algumas columnas d'este jornal, sem se fugir d'elles? Demais o nosso collega e antecessor, que teve factos dados no espaço de trinta annos á descrever (como sendo o primeiro incumbido d'esta missão), que na sua imaginação ardente, e estylo abundante dispõe do pincel, que uma simples imagem, póde ornar de traços, e côres mui vivas, e dignamente occupar a attenção de um habil pintor, ultrapassou a esphera de seus limites; nós que pouco ou nenhum recurso temos, e factos academicos occorridos, apenas no breve espaço de trinta dias, porque não o fariamos?

Uma penna de oiro como a do Snr. Buffon encontraria n'elle muita materia para dissertar e dissertar brilhantemente; mas a nossa, que ainda está encravada nas azas da ignorancia, receiosa de não encontrar n'esse breve tempo acontecimentos á descrever, julgou prudencia sahir fóra de seus limites, e eis o nosso motivo justificativo. Vejamos por tanto praticamente se foi ou não prudencia o receio de nossa penna, vendo-a correr no campo d'esses acontecimentos.

—A mocidade academica, d'entre os seus grandes planos, conseguiu realizar o da compra do retrato do grande estadista, o Snr. Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

Honrar a memoria dos mortos é um sentimento grandioso, nobre, e santo. Esse sentimento tem se mostrado em todos as éras, desde as mais remotas de antiquissimos tempos até nossos dias, já entre os povos mais barbaros do globo, já entre os mais cultos.

Lá estão juntos á antiga Menphise —Cheops, Chephrem, e Mycerino, gigantescos monumentos, erigidos em épochas incertas, para sepultura dos reis, e para honra de suas memorias.

Lá está em Halicarnaso o grandioso tumulo de Mausolo, levantado pela celebre rainha Artemisa, em honra de seu marido (o mesmo Mausolo rei da Caria). Lá está ainda ella mesma triturando em vasos de bebida, as cinzas do mesmo Mausolo, como ainda maior meio de honral-as. Lá está a não Belerefonte gemendo n'amplidão dos mares com o peso dos adoradores de Napoleão, que ião á Santa Helena honrar as suas cinzas. Lá estão os caminhos de ferro, que retalhão a antiga patria dos Francos, para testemunhar a enchente que pejou seus camarotes no dia 26 de Julho de 1856, que que vinha chorar junto ao tumulo do grande poeta popular. Lá estão errantes pelas savanas da America essas tribus nomades, trasendo consigo, em seus *sacrarios* de grosseira palha, as reliquias de seus antepassados, em honra de suas memorias; e fazendo reviver nos seus rusticos festins os feitos de seus maiores.

E hoje esse mesmo sentimento levantando-se poderoso dos enluctados peitos da mocidade academica, e esta

obedecendo ao seu mando com tão nobre e louvavel passo.

Os grandes homens ainda depois de mortos parece que *dominão*; por que não sabemos que poder magico nos traz á alma uma idéa d'elles tão sobrenatural, um poder em suas mãos, um imperio nos seus olhos, uma eloquencia na sua boca, um respeito em seu todo, tão grande, tão magestoso, tão magico, tão devino—que nos parece estar sonhando acordados!

Foi assim que ao vèrmos o retrato d'esse grande estadista, não sabemos que poderoso nune nos fez encherger sabindo d'aquelles labios essa torrente de eloquencia com que elles sempre, e muitas vezes, enchão as abobadas do parlamento brasileiro; e um chuveiro de palmas, entusiasticos e fervorosos applausos, deixando seus outros, esvoaçar pairando sobre sua cabeça, descer em borbotões para n'ella poisar, como um bando de candidas aves á fender os ares para ir poisar no magestoso cedro que gigantesco se ergue junto á encosta da colina!

Não sabemos que poderoso nune nos fez encherger, n'aquelles olhos, os da aguia altiva á pairar altaeira nas regiões das sciencias; n'aquellas mãos, as do homem philantropico, generoso, e caritativo, estendendo ao pobre, ao rico, ao estudante, ao povo, e á Patria; na lisa testa, na fronte soberana o cunho das sciencias e do genio! Um monumento de louvor levante-se á mocidade academica, por tão nobre idéa, e receba a alma do Sr. Dr. Gabriel José Redrigues dos Santos, lá na mansão dos justos mais este testemunho de reconhecimento e alta gratidão! (1)

(1) Não nos estendemos mais sobre este assumpto: porque temos medo de dizer o que outros tão habilmente já disserão.

—Tomou assento na cadeira do primeiro anno o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Dabney de Avellar Brotero, sem ter tido tempo de descansar á sombra dos seus louros, que tão gloriosamente colheu na brilhante administração que fez na presidencia da provincia do Sergipe.

—Subirão ao ultimo degráo do magestoso templo d'esta imperial cidade os Snrs. bachareis Vicente Mamede de Freitas, e Balthasar da Silva Carneiro, e lá eíngio-lhes a fronte a ultima coróa que conquistárão no campo de Minerva, como premio de sua intelligencia, e longa fadiga, do mérito emfim.

—Saudamos o apparecimento da nova associação—Club Scientifico.—E' mais um sol radiante que surgio no horisonte das sciencias; mais um campeão impavido para combater pela causa das letras; mais um triumpho para a patria; mais um companheiro para nossas lides; mais um germen de honroso legado aos nossos vindouros.

—A associação—Ensaio Philosophico—procedeu á sua eleição de novos funcionarios para o corrente anno, e foi reeleito para a sua presidencia o Sr. Pinto Moreira.

—A associação—Culto á Sciencia—tem-se communicado, por meio do seu Secretario, com todas as associações litterarias do Rio de Janeiro, d'esta Capital, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, e Pernambuco. Ella conta em seu seio 68 socios effectivos e vinte e tantos honorarios e benemeritos, até esta data; e continuamente estão á apparecer sobre a mesa propostas para serem admittidos em seu gremio outros, não só d'estes, como d'aquelles.

As suas sessões sempre tão concorridas e animadas nos firmão a



esperança que temos de seu brilhante futuro.

E' de admirar que uma mocidade em cujas veias gira um sangue de tão poucos janeiros, deixe as distrações do mundo phisico, que mais devem exercer seu poder sobre ella, para ir em um sagrado recinto queimar incenso no altar das sciencias, com tanta dedicação e enthusiasmo.

Em sua sessão de nove de Abril entrou em discussão a seguinte these:

—Reinado de Carlos Magno, e sua influencia sobre os destinos humanitarios.—Muitos dos senhores associados proferirão sobre ella brilhantes discursos. Uns sustentarão que Carlos Magno era um heróe, e outros que não. Estes tirarão a força de seus argumentos na vida privada d'esse monarcha, e a maior, mesmo na sua vida publica, principalmente nos trinta annos de guerra que elle sustentou contra os Saxonios, e aquelles na sua vida como monarcha, e justificarão os seus defeitos com a época de sua existencia. Depois de esgotada a hora da discussão scientifica, a casa adiou-a para a sessão seguinte.

Na de dezeseis entrou em discussão o seguinte: Reinado de Carlos Magno, e sua influencia sobre os destinos humanitarios (continuação).

Na de vinte, a seguinte: Quaes as condições, para que o feto seja considerado pessoa. Tanto n'esta, como n'aquella sessão, ainda brilhantes discursos povoarão as abobadas do seu recinto.

Finalmente na de trinta do mesmo mez, a seguinte: Reinado de Carlos I, sua morte, e influencia sobre os destinos da GrãBretanha; e si Cromwell foi um regicida por politica ou por fanatismo. N'esta como em todas, muitos socios orarão brilhantemente

corroborarão os seus argumentos nos factos da mesma these, nos geraes do vasto campo da Historia, e na Philosophia, não só d'esses como d'aquelles factos.

—No dia dez do corrente ella deu á publicidade o primeiro numero do seu jornal. Oxalá que elle tivesse bom acolhimento, e que aquelles corações que generosamente o acolhessem, tivessem tambem a generosidade de derramarem sobre nós o balsamo da coragem para podermos resistir á procella medonha que tem de cair sobre nossa cabeça. E queira o benigno leitor ainda por sua generosidade desculpar as nossas faltas; pois não podemos neste artigo, por ser official, observar nem o menor praso do preceito de Horacio. (\*)

S. Paulo, 15 de Maio de 1859.

M. P. S. Arcuea.

## UM PASSEIO À TARDE.

### A' UMA JOVEN REZENDENSE.

E esta alma, em tanta pena consternada,  
Não sabe aonde possa achar conforto.

(Dirigeo a Maria).  
—

Era uma encantadora tarde de Março. Saudosa percorria a Paulicéa a bella mocidade que pouco antes a tinha deixado. O dia, que mostrou-se alegre em seu alvorecer, conservou até aquella hora sua face risonha. O ar trémulo, o azulado do céo, onde não se divisava uma

(\*) Pag. 19, col. 2.ª, lin. 26, onde diz—d'este trabalho, leia-se d'esse trabalho. Pag. 19, col. 2.ª, lin. 32, onde diz—Lamennais, leia-se Montesquieu. (vid. Montesquieu—Esprit des Lois, vol. 1.º, Prefacio, pag. 25). Pag. 20, col. 1.ª, lin. 2.ª, onde diz—reconcavos, leia-se reconcovios. Pag. 20, col. 2.ª, lin. 8.ª, onde diz—aguerridos, leia-se e com seus aguerridos peitos etc.

só nuvem, davão-lhe o aspecto de um d'esses dias calmosos de Agosto. As saudades da patria que ainda mui vivas meu peito sentia, não deixavão-me um só instante. Nada podia distrahir-me d'essas idéas porque lá estava, eu via, o objecto que as despertava como o oscillar da pendula.

Aproximavão-se os nossos trabalhos academicos; era mister por tanto que eu procurasse extinguir a chamma que ardia em meu peito e se manifestava nas concavidades do rosto sem que ninguém conseguisse conhecer a sua causa.

O espectáculo grandioso que offerecia uma tarde tão bella, pareceo-me o unico objecto capaz de arrancar-me um pouco d'esses grilhões que me prendião. Sahi pois ao acaso, e o acaso conduzio-me a um sitio tão bello, tão magestoso, que de feito julguei n'elle encontrar o allivio que procurava á minha dôr.

Era uma eminente collina, tão alta que formava o ponto mais culminante d'este extensivo valle, e donde se gosa, para todas as partes, do mais agradável ponto de vista. O sol, que já descambava para o occidente, doirava o seu cume com dardejantes raios. A macia relva, que o cobria, tão matisada de flôres, convidava-me a observar d'ali este quadro admiravel, que revelava sobre maneira o nada do homem, e a omnipotencia do Ser infinito!

Era na verdade o mais eloquente protesto contra esse atheismo ridiculo, que ousa negar a existencia de um ser independente da materia, e contra todos esses erroneos systemas que á seu bel prazer tem inventado o philosophismo sobre a formação do nosso globo.

Do viso d'essa collina observei pois as campinas que se estendião para o Norte, onde se dilatava a minha vista, que procurava a patria como o aço attrahido pelo iman. E como ellas me apertassem mais a saudade, voltei a contemplar a immensa Cantareira, que pelo Occidente traçava os limites do vasto horisonte que me circundava. Acima d'ella, como um gigante, elevava-se magestoso o Jaraguá, cujo nome trazia-me á lembrança esse

povo selvagem que outr'ora vagava livre por estes valles.

Fiquei, porém, possuido de cólera ao recordar-me de S. Vicente, de Piratinin-ga, onde tão barbaramente a tyrannia do estrangeiro exercia o seu imperio contra um povo cujo unico crime era o—viver. Espontaneos me vinhão então á lembrança, e repetia de cór, alguns trechos sublimes da—Confederação dos Tamoyos. Mas, ao repetir o nome de Potira, a formosa esposa do valente Aimbiré, desaparecêrão de subito todas essas lembranças que por alguns momentos distrahirão minh'alma.

Não recordei-me então, vi mesmo a imagem d'esse objecto, que tanto fascinou meus olhos! Mas ah! nem isto me foi dado gosar por muito tempo, porque ella desapareceu como a faísca electrica, que reluz e logo some-se em uma noute de trévas. Eu desejei depois, supliquei mesmo aos céos, que transformassem em mar a linda planicie que eu via, e a matisada collina no esteril rochedo de Leucada; porque, á imitação de Sapho, iria procurar o ultimo allivio nos profundos abysmos das aguas.

Meus votos porém, fôrão vãos, não poderão abrandar a cólera dos céos, que para punir meus crimes davão-me uma paixão tão insana.

Desejei depois libertar-me, por outro meio, d'essa vida que já me era pesada, porém julguei ser um rasgo de fraqueza, porque, como diz Marcial « forte é quem soffre da desgraça o peso. »

Era forçoso resignar-me . . . pelo que, voltando minhas vistas para outra parte, procurava alguma cousa que não me levasse, por associação de idéas, a objectos que viessem—como Potira—desvairar minha razão, e levar-me a uma completa loucura.

Era o que mais impressionava a vista a grande cidade, a qual se mostrou n'esse dia, mais do que nunca, magestosa e bella. Ao longe representava-me, não a capital de S. Paulo, mas uma d'essas grandes côrtes rodeadas da magnificencia e apparatus da realza; á custa, muitas vezes, do oiro e até da vida do miseravel povo, que geme debaixo da pesa-

da corôa. Suas cazas, que apresentavão um aspecto magestoso, brilhavão aos raios do sol com uma côr mais viva, suas torres parecião-me de uma admiravel altura, e os sinos, que vibravão com mais força, produzião em meus ouvidos um som surdo e mysterioso. Seus conventos, que me representavão os palacios feudaes da média idade, attrahirão sobre modo a minha attenção; porque crão paginas onde lia os destinos das cousas humanas.

Veio-me logo á lembrança, e admirava, como essa companhia de jesuitas, o symbolo da hypocrisia, já n'esse tempo tão poderosa, desaparecêo da face da terra como a palha arrojada pelo tufão, graças á energia do grande Pombal e do immortal pontifice Clemente XIV. Ao pronunciar estes nomes, que fazem a gloria de suas nações, não pude deixar de recordar alguns dos factos mais notaveis da historia d'este povo, onde exarados encontramos tambem alguns nomes que nos devem encher de orgulho.

E pois, divisando *meus olhos* as bellas campinas do Ypiranga, fiquei possuido de alegria e em meu peito accendeo-se um ardente enthusiasmo. Representou-se-me tudo na imaginação como se fôra testemunha de tão brilhante successo.

Passageiras, porém, fôrão-me essas idéas, e não fugirão senão para dar lugar á tristeza e indignação, que immediatamente as succederão por lembrar-me do abandono em que jaz aquelle lugar, que até agora não merecêra (vergonha aos Brasileiros) nem se quer, um tosco monumento de pedra.

Estas lembranças arrancavão-me outras mais tristes, porém com gosto entreguei-me á ellas, porque esperava que virião afugentar as que incessantemente me perseguião.

Ao lembrar-me, pois, dos Brasileiros distinctos que pisarão esta terra, e que o desterro fôra a recompensa de uns, o esquecimento, o desprezo, a de outros, insensivelmente escapárão-me dos labios estas palavras de Ovidio—*Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis*—Não me admirava, porém, porque exemplos mil vezes peores apresenta-nos a historia des-

d'a mais remota antiguidade. O cidadão, que n'um dia entrava em Roma coberto de triumpho por haver salvado a patria, era muitas vezes accusado no outro, e partia innocente para o desterro. De ignais, ou peores manebas não se lava a mesma Grecia, a civilisadôra de Roma, a patria das lettras. Lá recebe Melciades na prisão e Aristides no ostracismo, a recompensa dos beneficios que fizerão com tanto amor á Republica, por quem sacrificárão o sangue e a propria vida.

A ingratição foi em todos os tempos, com é um destino que posa sobre os humanos, a paga dos beneficios—a recompensa do justo: não são aquelles homens, miseros mortaes, que nol-o provão—é Jesus Christo expirando no golgotha. A lembrança d'esses dous grandes povos, que tanto figurão na historia da humanidade, foi para mim o élo em que se prendião todas as cadêas de sublimes, horriveis e triste idéas. Mas com o coração magoado, eu não via n'essa mesma grandeza, que devia enthusiasmar-me agora, senão o nada das cousas humanas. Eu não via na morcha gloriosa d'esses povos mais que o caminhar veloz da maldição do peccado original, a realisação emfim, das sublimes palavras do Genisis, que insensivelmente me fez remontar á Asia—o berço do genero humano.

Então contemplei na mente, para distrahir minh'alma, o primeiro homem no venturoso jardim do Eden, as vastas planicies do Senaar, a torre de Babel, os grandes povos, os poderosos imperios, e a ruinas de Echatâna, Babylonia, Susa Palmira, suas grandes e soberbas capitales. Que admiração nos pôde causar (dizia comigo) a vaidade, o orgulho, a corrupção que hoje impera em nosso seculo, se espectaculos mais tristes tem se dado desde a creação dos nossos primeiros paes! Cain, seu filho mais velho, mancha a sua mão no sangue de seu irmão, a humanidade é pelos seus crimes submergida nas aguas do Diluvio, a Pentapole da Palestina devorada pelo fogo celeste, e Troya iucendiada por causa de uma mulher—Helena! não pude deixar de

dizer.—Oh! que triste não é minha condição! Que ainda havia de vir este nome, pois de tão longa e agradável distracção, arrojaram-me outra vez nos carcereiros d'onde sahi!!

Mas, acabadas não erão ainda minhas dolorosas exclamações, quando de novo cobrei animo, e resignei-me a soffrer, porque conheci o meu erro. Recebi pois esta quèda como um castigo que Deus mandava para confundir a minha rasão, que pretendia elevar-se a uma altura que não é dada a mortal como eu.

E já surpreendido pelo crepusculo da noite, resolvi a final deixar aquelle sitio, que parecia augmentar minhas saudades, não—a minha dôr. Já a lua despontava no horisonte radiante e bella, acompanhada de brilhantes estrellas que fazião á porfia sua côrte celeste.

A cidade, as campinas, os montes, os bosques tomárão com sua chegada um aspecto magestoso. As aguas dos rios parecião suspender sua impetuosa corrente, e serenamente correr, como para contemplar seu agusto semblante.

Os peixes sabião de seus antros, e saltavão de alegres ao clarão que reflectia nas agoas.

Os passarinhos, surpreendidos por sua luz brilhante em seus aposentos, saltavão de uma para outra verga, e com seu trinado, parecião querer concertar entre si seu melodioso canto. As aves aquaticas, que em bando cortavão os ares, visitavão grasnando suas prateadas lagôas. Toda natureza emfim mostrou-se alegre, e apresentava ao espectador um quadro admiravel, digno da penna de um Virgilio, e do pincel delicado de um Raphael, ou de Murillo.

Mas ah! todas essas bellas não tinham mais poder sobre minh'alma, eu as via com a indifferença do condemnado, que vê o bello em torno do cada-falso.

Assim caminhando, deixei aquellas vistas tão bellas, e insensivelmente entrei em minha casa quando o pobre soldado com a dura corneta annunciava as oito horas.

Dominado loucamente pela idéa, que

em mim predominava, eu não soube então o que havia de responder aos meus companheiros, que em doce palestra fruíão as delicias da vida escholastica.

Insensível aos seus rogos, deixei tacitamente uma companhia que sempre amei, para soffrer comigo só tão duros males.

Afastando de mim toda essa turbulenta enfadonha, que após instantes encheu meu gabinete, atirei-me sobre o leito, sem nunca dizer-lhes, apesar das instancias, qual o mal que me acometia, e muito menos, quem era a causa d'elle.

E para conciliar o somno, que fugia de mim, foi me preciso beber um espirituoso licôr que desejei em meu delirio que a virtude tivesse das agoas do Bethis. Entregue finalmente aos braços do desejado morphêo, eu vi em meus sonhos doirados, um mundo cheio de encantos, onde me guiava a minha estrella, qual Beatriz no paraizo de Dante. Parecia-me estar em Novembro e já tendo passado para outro anno, estava tão alegre e satisfeito como é possível depois de um *plenamente*, e proximo a vêr a saudosa patria. Na jornada que alegre fazia com meus companheiros, ao passo que entusiasmados recitavão trechos sublimes de poesias heroicas, eu repetia, cantando, alguns versos das Bucolicas de Virgilio, e lyras inteiras do melodioso Gonzaga. Nada me incommodava, não sentia fome, nem fadiga, e assim cheguei sem sentir nos patrios lares, aonde me esperava a familia, que me apertou alegre em seus braços, depois de tão longa ausencia.

Meu coração se exultava de tudo ao visitar os sitios onde passei meus dias de innocencia e de verdadeiro prazer, e ainda mais por estar tão proximo a vêr a imagem de meus sonhos—o anjo que eu adoro.

E quando esses dias já me ião parecendo longos, fui convidado para um baile em que ella devia se achar. Qual foi então a alegria que experimentei, não me é possível explicar, por mais que me protegessem as muzas. Senti finalmente aproximar-se essa hora em que eu devia vêr meu anjo como de proposito

preparado para mais me arrebatat e confundir! E quando ainda supplicava aos Céos que me dessem forças para encarar seu rosto, fui convidado (que surpresa!) para conduzi-la ao salão do baile. Surpreendido e confuzo, não sei como pude executar tão honrosa quão agradável missão. Conservei-me pois até o fim d'esse baile como um méro espectador, e o fiz para melhor contemplar aquelle composto de perfeições humanas, que refulgia entre as outras donsellas como a estrella d'alva entre as de mais estrellas do Firmamento.

Magnetizado pela presença d'essa virgem tão pura como uma sacerdotisa de Vesta, eu não perdia o menor de seus movimentos, ainda que conversando, ás vezes, com respeitaveis matronas.

E ainda ha (dizia comigo ao contempla-a) miseraveis. que ouzem lançar imprecações, blasphemias, injurias, contra um sexo tão amavel!! E' não conhecer a mais bella creação do Eterno, é ignorar inteiramente o quanto o mundo lhe deve, e que a mulher é em tudo igual, senão superior ao homem. Intellectual, ella é Sapho, é Aspasia que ensina Pericles, que faz admirar a Socrates, e a mulher moral é o infinito—Castilho o disse.

Não mais divaguei, nem pensei agora, porque já não era a lembrança—era o mesmo objecto que tinha, se bem que em sonhos, ante meus olhos. Tão satisfeito apartei-me d'alli, que julguei que nada mais me faltava n'este mundo, se não um—sim—que esperava de sua angelica boca. N'essa mesma hora recebo uma carta de seu pae: era a resposta da que lhe havia mandado, pedindo a mão de sua filha . . . Abri tremendo essa carta em que eu esperava encontrar a minha felicidade, em que desconfiava de minha desgraça, uma carta em fim que vinha decidir de minha sorte. E com a dôr que me trespassou o coração ao lêr estas palavras—ainda não está resolvida . . . . . acordei sobresaltado e então vi que illusão era tudo—*reaes só dôres.*

S. Paulo, Abril de 1859.

## A QUEBRA DO JURAMENTO.

(Continuação.)

### III.

Algun tempo havia decorrido depois da noute da aventura de Eduardo, e as scenas que então tiverão lugar não se tinham ainda apagado em sua mente.

Jámais pensára o mancebo que o acaso lhe deparasse tão grande ventura, e transbordava-lhe n'alma a alegria, sua imaginação perdia-se em sonhos doirados sempre que lhe era dado meditar n'esse momento tão feliz.

E ainda mais augmentára seu encanto, tornára-lhe mais grata e mais viva a lembrança d'essa noute—uma flôr—que roçára-lhe pela face ao sahir das ramagens em que se tinha occultado pelo apparecimento repentino de Laura, e elle arrancára.

A flôr era róxa e mui bella.

Eduardo déra-lhe o nome de sua amante—Laura—e guardou-a como um talisman sagrado em memoria d'esse acontecimento, que julgava o mais feliz de sua vida; e ainda mesmo depois de murcha, quasi a despendarem-se suas folhas, momentos esquecidos enlevava-se o mancebo em contemplal-a.

Então parecia-lhe ouvir o accento queixoso com que fôra pronunciado seu nome, o écho do canto vibrando no silencio da noute.

E sempre as mesmas scenas se reproduzião—e mais do passado, que do presente vivia o moço.

No entretanto a fortuna não lhe tinha ainda feito deparar um momento, uma occasião em que, sentindo o palpitar do seio de virgem, o encanto do olhar divino de sua Laura, pudesse revelar-lhe o amor que abrazava em chammas seu peito, os sentimentos de seu coração, as esperanças que lhe tornavão risonha a vida na terra; e ao mesmo tempo ouvir dos labios d'ella, o que elle presentia, o que n'alma lhe ficára gravado desde a noute do canto; mas que muitas vezes julgava um sonho—impossivel de ter realidade.

E o tempo ia correndo, os dias se

passavão, e só alimentava-o a lembrança do passado, apenas conseguira vêr, e tão sómente—vêr—mais algumas vezes sua amante recostada ao balaustre da janella; ou divisal-a através das grades de seu jardim por entre as flôres colhendo alguma, que lhe ía depois ornar o seio.

E quantas vezes não desejou Eduardo ter a sorte de uma flôr!

Em uma manhã d'estas em que a natureza ostenta-se mais garboza, em que o sol disposta no oriente envolto em seu manto de purpura brocado de ouro, derramando a alegria por toda a face da terra, Eduardo sentio sua alma partir-se de dôr e de magoa—uma grande necessidade apresentou-se que o obrigava a partir e deixar por algum tempo sua amada.

E a natureza bella e serena parecia com suas galas escarnecer da contrariedade do mancebo.

A mão da morte que tivesse pesado sobre sua cabeça não lhe teria parecido tão fatal, o coração estremeceo-lhe convulso nas paredes do peito; o desespero desenhava-se-lhe no semblante, seus olhos parecião despedir scintellas de fogo, o mancebo quasi que enloqueceo.

Era um martyrio que se impunha a sua alma, um inferno de soffrimentos constantes—deixal-a quando ainda não lhe tinha declarado seu amor, quando seu coração batia anciado no peito, quando seu espirito fluctuava na duvida;—deixal-a sem ao menos receber uma palavra dos labios d'ella, uma esperança que adoçasse-lhe a dôr da separação, que lhe tornasse menos cruel tanto tempo de auzencia, e o guiasse na peregrinação como uma estrella que unica brilha em horisonte obscurecido de noute de procella; mas era forçoso resignar-se—e elle resignou-se.

A felicidade porém, não desamparou de todo o mancebo, fêl o conceber um meio de alliviar tanta magoa—que elle correu a realisal-o.

Eduardo dirigio a Laura uma carta; terna e apaixonada essa carta fazia sentir o amor que no peito nutria o moço, os arroubos de sua imaginação, as esperanças que lhe doiravão o futuro da vida principalmente depois da noute do canto,

e o soffrimento de que estava possuido por não poder dizer um ultimo adeus na hora extrema em que a necessidade oforçava a partir.

E Laura não desprezou a declaração que lhe fazia seu amante:—revelando-se a candura de sua alma em algumas linhas que tremula traçara, ella protestava-lhe uma affeição sincera, marcando a noute seguinte para dizer-lhe o adeus que pedira.

Eduardo não coube em si de contente, a taça do prazer derramou-se toda em sua alma, os sonhos em que se embalara tinhão tocado a realidade; então dissipárão-se as trévas da duvida que circundavão seu espirito e a luz penetrou em todo o vigor;—seus sentimentos tinhão encontrado écho no coração da virgem que elle endeosáva.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

A lua pairava no alto do céu espargindo uma luz pallida e melancolica, e no fundo da alameda, que tinha sido testemunha da primeira aventura de Eduardo, via-se uma janella aberta—a mesma de outr'ora,—junto a ella estava um vulto—era Eduardo;—alguem se recostava pelo lado de dentro—era Laura.

Os dous amantes fazião suas juras, dizião-se seus adeozes,—ultimos talvez.

Laura suspirava, e por suas faces rolavão-lhe em fios lagrimas quentes vertidas de um coração amoroso.

Não choreis, exclamava Eduardo apertando sobre seu peito uma das mãos de Laura, sinto em vossas lagrimas um agouro; não choreis, pelo céu vo-lo peço—eu heide voltar.

E a virgem suspirava sempre, nova torrente de lagrimas inundava-lhe o rosto; e pallida, seus negros cabellos soltos cahindo-lhe por sobre o collo de alabastro, dir-se-hia a imagem viva do soffrimento; mas assim mesmo n'esse semblante angustiado jámais realçára tanta belleza.

E o mancebo, esforçando-se sempre para conter as lagrimas de sua amante, dizia-lhe com a voz vibrante e apaixonada—não vos esqueçaes de mim, lem-

brai-vos sempre do meu amor, este amor que é minha unica esperança na vida, que acalento-o como o unico bem que me resta, o alento de meu coração; não vos esqueçaes de mim e vossa imagem estará sempre gravada em meu peito, os meus cantos serão todos vossos,—só terei um pensamento—o meu anjo;—meus labios só repetirão um nome—Laura; e seguro de vosso amor affrontarei todos os perigos, correrei todos os mares, desafiarei a cólera e o fragor das ondas,—não temerei o furor dos ventos, o bramido das tempestades e serei sempre victorioso!

E só lagrimas e suspiros respondião ás palavras do mancebo.

Oh! Laura, repetia o moço, uma palavra ao menos, vosso silencio é o inferno que me tortura e desespera;—uma palavra ao menos, que me dê conforto na angustia da separação, que seja a estrella que fulgure no meu horizonte do futuro, ou então partirei sem uma esperança na vida, e minh'alma irá sumir-se nas trévas da desolação!

Ah! Eduardo, disse enfim a moça com a voz intrecortada, eu sinto os tormentos da morte n'esta separação; para que partís? e agora que a vida começava a sorrir-se para mim...

E' forçoso Laura, eu tambem soffri muito, e ainda soffro; mas foi mister resignar-me—murmurou Eduardo com a voz quazi sumida.

Eduardo—lançae para longe de vossa imaginação semelhante idéa;—vêr-vos, amar-vos e já deixar-vos; oh! não, eu quero ter-vos sempre a meu lado, vêr-vos e ouvir-vos sempre, ficae, sim, ficae.

Impossivel, Laura, impossivel, eu bem quizera nunca deixar-te; mas um destino inexoravel me obriga e cumpre obedecer-lhe.

Pois bem, tornou a moça tomando um ar resolute superior ás suas forças, eu tambem me resignarei—ide e que a fortuna vos seja propicia; Laura será sempre a mesma, um só dia não deixará vosso nome de resoar em seus labios..... E ella não pôde proseguir; parecia que aquelle coração de virgem quebrava-se no embate do primeiro soffrimento.

Obrigado, Laura, obrigado; disse Eduardo arrebatado de prazer.

A moça fez um esforço supremo e pôde continuar: quando voltardes se o tempo não tiver apagado em vossa mente a lembrança do passado, correi aonde estiver a amante de outr'ora, e seu coração palpitará da mesma maneira, em seu peito encontrarás o mesmo sanctuario onde é incensado o nosso amor.

E a vossa constancia, disse o mancebo cravando o olhar no semblante de Laura,—será o garante do meu futuro.

A moça levantou para o céu seus negros olhos, e com a voz firme exclamou: Oh! sim, minha constancia—eu vo-la juro.

N'este momento uma ave agoureira da noute, passando veloz como o raio, dêo um pio de morte; e a lua que declinava no horizonte despedio um ultimo raio amortecido, e escondeo-se entre nuvens.

Eduardo levou aos labios a mão de Laura, que tinha sobre seu peito, e no beijo que dêo pareceo desprender-se-lhe a alma; e pela ultima vez ainda pôde dizer—adeus, Laura, que a felicidade nos proteja, até um dia.... e adeus.

Eduardo adeus, adeus.... e um suspiro sentido echoou ainda pelos espaços silenciosos.

E o moço partio levando no peito a angustia, na mente uma—esperança. S.

(Continúa.) \*

\* Por falta de espaço deixa de ser publicada a conclusão d'este romance, ficando assim para o numero seguinte. (Da Redacção.)

## POESIAS.

### DESEJO MORRER ASSIM.

Curão do morto, lavão-lhe as feridas;  
Mas a alma estala sem que alguém se dêa,  
Nem mesmo o mais amigo!

(Gonçalves Dias.—Traducção.)

No pensar que continuo me acompaña,  
Quando a mente me escalda  
Uma dôr que me apura

De dia em dia com pungir acerbo,  
Do prazer expellindo a nivea taça,  
Essas glorias do mundo não almejo;  
E d'um monte na falda,  
Onde a voz da natura  
Solitaria e triste em seu todo reine,  
Triste a fronte, p'ra o seu vasto horisonte  
Com os olhos voltados, n'elle fitos,  
Eu dezejo scismando  
Ir meus dias passando  
Até que me chegando  
O momento final do tempo incerto  
Que, em segredo, da morte me separa,  
Longe ao menos dos homens lá n'esse ermo,  
Eu podesse tranquillo vêr na mente  
Correr do esquecimento o denso véo  
Por sobre os males tantos qu'hei soffrido  
No boliço do mundo  
Que me prende iracundo  
Em seu seio inclemente!  
Lá dezejo que a lyra um só accento  
Docemente repita, em meus queixumes;  
E nas azas do vento que propicio  
De mensageiro sirva à Deos envie,  
Ao paiz de meus sonhos,  
A' meus lares risinhos  
Uma prova de amor;  
E que ao soltar a nota derradeira  
Eu com ella abandone a vida infausta!  
Qual em galho inclinado  
Para um lago azulado,  
Alvo cysne gemendo,  
Na flôr d'elle espelhado,  
Quando ao sôpro da briza, que as macias  
Pennas suas deslizando acarinha,  
Com a nota que solta derradeira  
N'esse galho tremendo,  
Diz ao lago pendendo  
O seu ultimo adeus!

Outubro de 1858.—M. P. S. Arouca,

### AO ZIG-ZAG, DO ZAG-ZIG. (\*)

Quem á mulher quer negar  
Supremacia em belleza,

Por certo que a natureza  
Ainda deve estudar.

Ao homem foi dado força;  
Foi dada à mulher belleza;  
Como ao sol foi dado brilho,  
E á lna gentileza.

Terá o homem mais nobresa  
No seu todo sup'rior,  
Seja porém como fôr,  
A mulher tem mais belleza.

Se são mais bellos qu'as femeas  
O gallo, o pombo e o pavão,  
Se é mais lindo qu'a leôa  
Mau grado a juba, o leão:

Não se segue que a mulher,  
Ente todo primoroso  
Seja mais feio que o esposo,  
Como o zig-zag quer.

Z.

### Erratas do numero 1.º

Columnas—Linhas.

- |      |   |
|------|---|
| 1.º  | 2.º —Em lugar de gravadas, leia-se gravados.  |
| 3.º  | 10.º —Em lugar de fôrem, leia-se fôr.   |
| 2.º  | 27.º —Em lugar de levantárão-se, leia-se levantavão-se.   |
| 18.º | 12.º —Em lugar de allumiavão, leia-se allumiava.  |
| «    | 45.º —Em lugar de pelas flôres da primavera, leia-se com lindissimas flôres.  |
| 19.º | 28.º —Em lugar de Em seu coração leia-se em seu coração.  |
| 15.º | 8.º —Em lugar de apresentarem se, leia-se se apresentar.  |
| 31.º | —Na poesia—E' cedo aind <sup>a</sup><br>—na 2.º quadra—vers <sup>o</sup><br>2.º em lugar de descoras,<br>leia-se descora? |

mesmas consoantes de umas publicadas no *Diario da Côrte*.

(1) Quadrinhas feitas á muito tempo, pelas